

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL  
INSTITUTO DE PSICOLOGIA, SERVIÇO SOCIAL, SAÚDE E COMUNICAÇÃO  
HUMANA  
CURSO DE GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA

BRUNA ANDRESSA DOS SANTOS FERREIRA

**DA PONTE PRA CÁ:**  
MEMÓRIAS RIBEIRINHAS E A PSICÓLOGA QUE NASCE DO RIO

PORTO ALEGRE

2024

BRUNA ANDRESSA DOS SANTOS FERREIRA

**DA PONTE PRA CÁ:**  
MEMÓRIAS RIBEIRINHAS E A PSICÓLOGA QUE NASCE DO RIO

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Instituto de Psicologia, Serviço Social, Saúde e Comunicação Humana da Universidade Federal do Rio Grande do Sul como requisito parcial para a obtenção do título de Psicóloga.

Orientadora: Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup> Oriana Hadler

PORTO ALEGRE

2024

### CIP - Catalogação na Publicação

Ferreira, Bruna Andressa dos Santos  
Da ponte pra cá: memórias ribeirinhas e a psicóloga  
que nasce do rio / Bruna Andressa dos Santos Ferreira.  
-- 2024.  
38 f.  
Orientadora: Oriana Hadler.

Trabalho de conclusão de curso (Graduação) --  
Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Instituto  
de Psicologia, Serviço Social, Saúde e Comunicação  
Humana, Bacharelado em Psicologia, Porto Alegre,  
BR-RS, 2024.

1. Escrivência. 2. Memória. 3. Arquipélago. 4.  
Rio. 5. Contracolonização. I. Hadler, Oriana, orient.  
II. Título.

*Dedico o presente trabalho aos 6 desconhecidos num  
barco de acrílico que resgataram a minha família.*

## AGRADECIMENTOS

Aos meus ancestrais por todas as vezes que me embalaram no colo. Aos meus guias, por toda proteção. À mãe Iansã e à Oxum, pelo acalanto. Perdi muito, mas nunca a fé.

À minha mãe, pelo apoio incansável, por todas as vezes que me esperou com a janta pronta, por todo sacrifício. Ao meu sobrinho mais velho, Brayan, por ter me perdoado pelos anos de ausência. Ao meu sobrinho mais novo, Luan, por trazer tanta vida à família. Ao meu irmão Kauã, que me inspira a ser o melhor exemplo que puder. Ao meu irmão Buiú, por ser tão gracioso. Ao meu irmão Lucas, que passou para a ancestralidade.

Ao meu amado, por ser inigualável, por ser calma em minha vida.

Às boas professoras e professores que tive na vida: Eloísa, Fabiana, Anderson, Rosângela, Cristina. Vocês foram gentis com a minha criança.

À minha orientadora, Oriana, pelo olhar atento e gentil. Por ser a melhor parceira possível. Por acreditar incondicionalmente.

À minha psicóloga, Fernanda Nascimento, que me ensinou a psicologia dos ventos. Que é estruturante em minha vida.

Ao Pedro, meu acompanhado, por ter me ensinado a brincar novamente.

À Conceição Evaristo por me fazer escritora. Ao Nego Bispo, por me acompanhar e compreender nesta jornada.

Às amigas que trouxeram sentido à minha trajetória acadêmica. Que reafirmaram dezenas de vezes que aquele lugar também era meu. O nosso quilombinho. Ana, Yasmin, Renata, Fran, Mateus, Brian e Rafa: com vocês nunca me senti sozinha.

Ao Psicopreta e ao Coletivo Indígena da Psicologia.

Ao Colá Movimento de Cultura. Lays, Tuy, Francine e muitas outras pessoas que passaram por esse coletivo. Foi com vocês que aprendi a contracolonizar.

Ao João de Mello, ou “Duck, the mad quacker”, uma das muitas jóias raras ribeirinhas, por conceder suas fotografias.

A tudo que compõe aquilo que chamo de Ilhas. Cada pessoa, cada árvore, cada bicho, cada gota d’água. Nós somos cosmo.

*“A água não reflui, ela transflui e, por transfluir, chega ao lugar de onde partiu, na circularidade.”*

*Nego Bispo*

## RESUMO

O que você vai encontrar neste trabalho não costuma ser compartilhado através da escrita - tampouco aprendi em livros. Este é um registro do que me é mais valioso, do que é ancestral. Se puder, leia o mais próximo possível de uma árvore e com os pés descalços. É assim que escrevo melhor. É assim que vivo melhor. No final, escrever não foi tão diferente de fazer uma tarrafa. Para fazer uma tarrafa, é necessária a linha de pesca. A linha de pesca é a base, como os saberes orgânicos passados de geração em geração. Com ela, você dá os nós que constroem a malha. A malha é o conjunto das memórias ribeirinhas. Com a tabuleta e a agulha você vai costurando e costurando. A tabuleta e a agulha são o papel e a caneta. As mãos ainda são as mãos. Então, é só entralhar com chumbo, para que se abra. O chumbo é o que chamamos de referências. Assim como a tarrafa e a água, a escrita pode ser circular. A tarrafa está em suas mãos, basta lançá-la ao rio.

**Palavras-Chave:** Escrevivência. Memória. Arquipélago. Rio. Contracolonização.

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Moonlight (Luz da Lua)	14
Figura 2 – Crianças brincando de navegar	16
Figura 3 – Escola Almirante Barroso	18
Figura 4 – Vão móvel, da ponte pra cá	22
Figura 5 – 718	24
Figura 6 – Carnaval das Ilhas	25
Figura 7 – Mofô no concreto. Morro Santana.	33
Figura 8 – Começo, meio, começo	36



## SUMÁRIO

<b>1 CARTA À PESSOA LEITORA</b>	<b>10</b>
<b>2 NESSA CIDADE TODO MUNDO É D'OXUM</b>	<b>11</b>
2.1 O ônibus, o pássaro e o rio	13
2.2 Manual de sobrevivência	15
2.3 Eu uso o necessário, somente o necessário	15
2.4 Passeio em Veneza	17
2.5 The bridge	20
2.6 718	23
2.7 Carnaval e encruzilhada	24
<b>3 TRAVESSIA</b>	<b>27</b>
3.1 20 de novembro de 2023	27
3.2 Lacunas	28
3.4 Estava na beira do rio	28
3.5 Mofo	32
3.6 Vento norte	33
3.7 Começo, meio, começo	34
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS</b>	<b>37</b>

## 1 CARTA À PESSOA LEITORA

Aqui jaz os restos mortais da minha escrita. Durante 5 anos idealizei o momento em que me sentaria em frente de uma escrivaninha e escreveria sobre o que me encanta. Durante 5 anos gastei este trabalho. O filho real é sempre melhor que o filho ideal. Carrega luto, mas é honesto.

Advirto: não espere deste trabalho a tradicional escrita acadêmica. Não é por falta de domínio, muito menos de treino. O que desejo com meu último ato na graduação é provar a mim que não fui aniquilada. Não conte comigo para caminhar de mãos dadas aos ditos clássicos e nos modos clássicos. O que existe aqui é orgânico. A referência principal deste escrito é a minha memória, que é coletiva, tomando forma através da escrevivência. Este trabalho é pessoal e intransferível. E por vezes dolorido. Quando você, pessoa que me lê, observar um grande número de pausas (principalmente de pontos finais), saiba que escrevi ofegante, com dificuldade. Uma boa desculpa é que tenho asma grave, um insulto a todas as simpatias de cura que mainha fez.

É difícil delimitar o que cabe neste escrito. Cabe a trajetória de uma vida inteira, de um povo inteiro, de todos aqueles que antes ocuparam as margens do Arquipélago. Escrevo sobre tudo aquilo que me foi compartilhado, que me foi ensinado através da oralidade. Escrevo sobre nossos modos. Escrevo sobre o que se compartilha e não se vende. Escrevo para manter vivo e ancestral. Escrevo para circular e não para repousar em prateleiras.

Como diria Nego Bispo, um ancestral com quem pude compartilhar este processo de escrita, mantendo-o vivo e vice-versa:

“Quando nós falamos tagarelando  
E escrevemos mal ortografado  
Quando nós cantamos desafinando  
E dançamos descompassado  
Quando nós pintamos borrando  
E desenhamos enviesado  
É porque não fomos colonizados.”  
(MEKUKRADJÁ, 2020)

**2 NESSA CIDADE TODO MUNDO É D’OXUM  
HOMEM, MENINO, MENINA, MULHER  
TODA ESSA GENTE IRRADIA MAGIA (MENEZES, 2016)**

Era uma vez uma rua sem nome. Nesta rua, tinha a gente que morava do lado da ponte e tinha a gente que morava embaixo da ponte. Ali todo mundo se conhecia, quem não era parente ainda vai ser.

Bem no começo da rua, perto da estrada, iniciava baixinha a ponte e o povo morava ao lado dela. Morava o falecido Pirata. Pouco depois, a Dona Vera, quem organizava o bingo. Em frente a parada de ônibus tinha a lancheria do Clóvis, ou Clô, que não era boteco. Logo morava a falecida Dona Rose, costureira. Mais adiante, a Neiva, que foi cupido de meu pai e minha mãe. A Neiva ainda mora bem perto da casa dos meus falecidos avós, a Dona Ruth e o Velho Albino – que era sujeito de poucos amigos. Passando o Tio Meinha, pescador e compadre, fica a minha casa. Mais adiante, mora o Seu Barreto, que era barbeiro quando mais novo. Do lado do valão morava a Dona Dalva, benzedeira, que morreu de medo em dia de temporal. Em frente ao campinho tem o armazém, da família do falecido Seu Ermínio. Perto do povo que mora embaixo da ponte tem o Joca, esse todos sabem que é lobisomem. Embaixo da ponte mora o Lequinho, que faz barco de madeira, mora a Dona Rejane do bazar e muito mais gente.

Por trás de todas essas casas, as do lado e as embaixo da ponte, passa um pedacinho de rio, um afluente, que na maior parte do ano é só banhado, mas lá por setembro é rio cheio que dá nervoso. A rua termina quando a ponte fica alta demais, lá bem onde passa o rio maior, onde fica o depósito, que chamamos de “areeira”. Na beira do rio aproveitamos a sombra, nadamos até o pilar da ponte, as crianças rolam nos morros de areia e tiram fotos nas patrolas e barcos areeiros.

Nesta rua sem nome foi onde ouvi falar de muitos nomes - e de alguns apelidos. Aqui, todos os nomes são conhecidos e lembrados. De tempos em tempos lembramos dos que já se foram também. Tudo que sei sobre esse lugar me foi ensinado. Desde criança, ouço histórias carregadas de muita magia sobre este lugar e este povo. Aqui, todas as ruas são assim.

Em algum momento, esta rua deixou de fazer parte do Arquipélago e passou a fazer parte da cidade de Eldorado do Sul - mas a gente nunca foi de se guiar por linha em mapa. Em 2018, esta rua foi batizada: Rua dos Pilares. Não é um nome muito criativo, mas é motivo de orgulho. E foi agraciada com sinal wi-fi em 2019. Moro na casa rosa da Rua dos Pilares. A cor rosa é uma tentativa de deixar a vida aqui um pouco mais feliz. Aí o rio passa e arranca o rosa, e arranca a felicidade e a gente se pinta de felicidade novamente.

Quando me perguntam desde quando moro aqui, respondo: desde que sou gente, nunca me mudei. O que é mentira. Já me mudei pelo menos umas dez vezes. Uma casa nunca passa duas vezes pelo mesmo rio, ou coisa assim, diria Heráclito. Visito pessoas e vejo em suas casas objetos que um dia foram de seus avós, a roupa do batizado, a carteira de vacina. Aqui, como esta casa muitas vezes se mudou conosco e apesar de nós, não resta muito. O que resta, no máximo, são as lembranças, que foram vividas em uma casa já tantas vezes aterrada e enterrada. E o “pé de amora”. Sobe o chão, sobe o teto, sobe o rio. Daqui 1,5°C não estarei aqui, na Rua dos Pilares, mas pra sempre viverei aqui. Hoje, escrevo para que nunca se esqueçam de nossos nomes e de nossas denominações.

\*\*\*

Se você conhece a região das Ilhas através dos noticiários, você sabe que sofremos com as cheias. Talvez conheça a Mãe Bia ou o Padre Rudimar, e pouca coisa além. E compreendo, nós não compartilhamos muito de nossos modos com a cidade.

Se você conhece a região das Ilhas através do curta-metragem Ilha das Flores (1989), você não conhece as Ilhas de Porto Alegre. Talvez você nem saiba que é um curta-metragem e não um documentário. Que na Ilha das Flores nunca existiu aterro ou lixão. Que foi gravado, na verdade, na Ilha Grande dos Marinheiros. Que não somos “os seres inferiores aos porcos”. Que carregamos este estigma até hoje. Que antes de ser “Ilha das Flores”, era chamada “Ilha do Quilombo”. Que, ainda antes disso, era terra indígena Guarani. Que somos 9,28% da extensão territorial de Porto Alegre. Que grande parte da nossa história é contada pelo maior museu à céu aberto da capital - o Museu das Ilhas - com percurso parte terrestre e parte pluvial. Que aqui somos mais de 8 mil habitantes vivendo em compartilhamento com a

natureza e desejando que o Jorge Furtado vá para o raio que o parta com suas ironias (GOMES, 1995).

\*\*\*

### *2.1 O ônibus, o pássaro e o rio*

É sábado de aleluia. O dia mais próspero das Ilhas. Depois de uma semana vendendo o pescado na Feira do Peixe, finalmente chegamos ao sétimo dia. Neste dia ninguém descansa. O vendedor cobra, o caloteiro se esconde. O 718 passa lotado de gente cansada e feliz que vai buscar sua Páscoa. Um pouco mais cansada e mais feliz do que o usual. Na Rua dos Pilares estão construindo mais uma galeria, que é pro rio escoar. O rio não encomendou galeria alguma. O ônibus precisa atravessar no desvio - que funciona bem em dia de sol.

Eu estou sentada no sofá, brincando com a criança, vendo o ônibus passar. Um barulho leva minha atenção para a porta dos fundos. Quando me aproximo, vejo um sabiá no chão, acidentado pela pechada no vidro. Pego o bicho, que está tremendo, acuado. Tento colocar pro alto, mas não voa. Deixo o bicho numa folha, escondido no meio das abóboras. Ali, se tiver que viver, vai encontrar a calma e voar novamente. Por hora estará seguro dos bichos maiores. Se não viver, outros farão bom proveito.

O que o ônibus, o pássaro e o rio desejam?

Só passar.

**Figura 1** - Moonlight (Luz da Lua)



Fonte: Duck, the mad quacker (2019)

\*\*\*

## *2.2 Manual de sobrevivência*

Lembro de quando aprendi a nadar. Sem professor, aqui não se faz aula tradicional de natação. Sabe-se lá quem montou um trapiche, com cerca de 3 metros de altura, bem na beira onde banhamos. Que felicidade. Aquele trapiche era passarela, pista de decolagem, globo da morte. Crianças pedalavam suas bicicletas o mais rápido que podiam para no final voarem com elas pra dentro d'água. Eu, pequena e não muito radical, sentei no fim do trapiche e aproveitei para balançar as pernas. De repente, pequenas mãos empurram minhas costas. Tibum. Bati, desorganizadamente, os pés e as mãos. Quando voltei à superfície, vi minha mãe rindo junto à outra criança. Na hora, fiquei muito brava, como poderia minha mãe ter encomendado isso?

Ela muito bem sabia: aqui, se você joga criança na água, ela vira peixe. Criança-peixe.

\*\*\*

## *2.3 Eu uso o necessário, somente o necessário*

*O extraordinário é demais*

(MOGLI..., 2011)

Se eu era uma criança-peixe, o Lucas era uma criança-tubarão. Ele nadava muito bem, remava muito bem, jogava futebol muito bem, lutava Karatê muito bem, passava horas na rua e deixava a mãe de cabelo em pé muito bem. Com ele vivi minhas maiores aventuras no estilo Mogli de ser. Íamos para o campinho jogar bola, buscar a bola que trocentas vezes caía dentro do valão, nos esconder no “clube dos macacos”. Brigávamos como cão e gato, mas formávamos uma boa dupla. Uma vez, indo comprar pão na Cabana, ganhamos potes de sorvete do caminhão da Trivialy - imagino que o motorista deve ter achado bem simpático dois irmãos de banho tomado. Mas a maior aventura que vivemos juntos, sem dúvidas, foi cuidar do Júnior.

Certo dia à noitinha, o Lucas chegou em casa - mostrando mais barro do que pele e carregando o Júnior nas mãos. Disse que estava caçando no banhado e o encontrou. Eu fiquei

fascinada. A mãe enlouqueceu. Tira já esse bicho daqui, antes que a mãe dele venha buscar, gritava. Como poderíamos não ficar com um bichinho tão lindo, que cabia na palma da mão?

Júnior esteve sob nossos cuidados por duas semanas, no máximo. Vivia no tanque ou num balde. Era alimentado diariamente com carne das caças, tinha sempre água limpa pra se banhar. Às vezes deixávamos ele caminhar pela casa, sob supervisão. O bicho era calmo, gostava de deitar no ombro e receber carinho no couro duro também. Depois disso, recebemos o ultimato: ou saía ele, ou nós.

E assim, em consequência de problemas com as autoridades locais (nossa mãe), encerramos nossa aventura com o Júnior, um filhote de jacaré-de-papo-amarelo.

**Figura 2** - Crianças brincando de navegar



Fonte: Duck, the mad quacker (2019)

\*\*\*



#### *2.4 Passeio em Veneza*

Aqui pelas bandas temos uma iniciativa muito interessante que é o turismo ecológico. O problema é que, dependendo do público, vira turismo zoológico. Pessoas passeiam nos esplendorosos Porto Alegre 10 e Noiva do Caí, com seus coletes, bonés, óculos escuros e câmeras profissionais, abanando para os macacos. Na praça, temos o privilégio de receber o aceno dos seres humanos civilizados, nos fundos da Escola Almirante Barroso os macaquinhos também são saudados. Por falar em escola, quase sempre os passeios são nos barcos de turismo - e não é ruim, mas a experiência não é completa quando os macacos estão do lado de dentro.

Do lado da minha casa mora a Milena, filha do tio Meinha e da tia Flávia, que pescam. Durante a infância, passava muitas tardes brincando com a Milena. Milena é como eu. Brincávamos na rede, com bonecas, com galinhas, de fazer chás e, principalmente, de andar de caíco.

O caíco ficava nos fundos da casa dela onde, nos meses de cheia, é rio. Aí, não tinha nada e ninguém que pudesse nos impedir de passear. Os remos eram taquaras, pedaços de pau ou cabos de vassoura, revezávamos quem seria a timoneira. Às vezes encontrávamos algum empecilho, como um buraco no casco, que então era remendado com pedaço de sacola. E o caíco era só nosso, somente as bonecas acompanhavam as grandes navegadoras banhado à dentro. Os guris, se quisessem ir, que fossem na caixa d'água, na geladeira velha ou na caixa de isopor. Horas se passavam enquanto passeávamos no meio do mato. As adversidades eram frequentes, um tombo, um “barco de faz-de-conta” virado, uma “xamixunga”, uma frieira a mais no pé. Com a Milena passeava no Caicão. Não existiam macacos, só nós. E não deixava de ser escola.

Aqui, ter sucesso é virar nome de barco de madeira.

**Figura 3** - Escola Almirante Barroso



Fonte: Duck, the mad quacker (2019)

\*\*\*

Das lágrimas da deusa Ombela, em Angola, nasceram as chuvas. Apesar da grande tristeza que sentia, Ombela temia que suas lágrimas trouxessem morte aos seres humanos, então carregou-as com sal para assim alimentar os mares. Seu pai, ao saber de sua tristeza, disse-lhe que a tristeza é para todos - até mesmo para os deuses - então que não se esqueça de chorar. Ombela chorou ainda mais e encheu os oceanos daquela água salgada. Naquele momento, já não sabia se chorava de tristeza, ou se chorava pelo prazer de ver o mar. Seu pai, sabendo do dilema da filha, contou: minha filha, não choramos apenas de tristeza, também existem as lágrimas de felicidade. Ombela pôde ver, nas mãos de seu pai, as flores, as árvores, os animais e tudo aquilo que na Terra precisa de água doce. Traçou, junto a ele, pequenas linhas, chamando-as de rios, lagos e lagoas. Chorou novamente, de felicidade, preenchendo as linhas de água doce. Por fim, dizem que Ombela teve muitas filhas, que também fazem chover (ONDJAKI, 2014).

As crianças ribeirinhas são excepcionais. São filhas de Ombela, são protegidas por Iemanjá, por Oxum, por Nossa Senhora dos Navegantes, por Nossa Senhora da Boa Viagem, por Tupã, pelos espíritos encantados e por centenas de benzedeiras e bruxas locais. Há infâncias plurais à margem. Crianças que não se separam do rio, da terra, das árvores, dos bichos, das pedras, que pertencem profundamente à natureza. Crianças que nunca estão só, que não conhecem estranhos ou estranhezas, mesmo que passem bastante tempo sem supervisão. Crianças que recebem um olhar atento de todos os mais velhos da comunidade. Crianças descalças e não-desinfetadas. Crianças que cantam como os pássaros antes de falar. Crianças que brincam de navegar antes de navegar. Crianças que brincam de pescar antes de pescar. Crianças que brincam de nadar antes de nadar. Crianças que não tem muito, mas que tem o que é necessário. Não há Piaget ou teoria de desenvolvimento infantil que dê conta de ler as crianças que banham-se em lágrimas de felicidade.

\*\*\*

## 2.5 *The bridge*<sup>1</sup>

Foi lá pelos 14 anos que eu comecei a ter problemas com a ponte móvel. Mudei de escola e fui cursar o ensino médio no Colégio Estadual Cândido José de Godói, que fica do outro lado da ponte. Um colégio muito especial. Ali tinha gente de todos os modos. Ali conheci jovens de periferias de toda Porto Alegre e região metropolitana. Ali ouvi falar sobre uma tal de UFRGS. Ali conheci o movimento negro e estudantil. Ali pela primeira vez ouvi falar de Oliveira Silveira, dentro da instituição onde o poeta lecionou por 20 anos. Ali percebi que os meus modos eram um tanto mais diferentes que os demais.

Sem dúvidas, foi uma época de compartilhamentos e ampliação de repertórios. Decorei os horários de içamento do vão móvel. Passei pela transição capilar. Comecei a trabalhar formalmente. E assim sucederam-se os próximos anos: descobri que havia um mundo da ponte pra lá e busquei compartilhar. Simultaneamente, na Ilha, alguns jovens (que já haviam compartilhado outros recortes de mundo) estavam voltando-se cada vez mais para dentro. Conhecendo o outro lado, nossos modos ficam ainda mais valorosos.

O Colaí Movimento de Cultura é um coletivo da juventude ribeirinha para as juventudes ribeirinhas. Fui convidada a compor o coletivo aos 17 anos, poucos meses antes de ingressar na UFRGS. Vivi um dos momentos mais felizes da minha vida. Ganhei uma nova família. Dei sentido para a minha inquietação e para a minha escrita.

“Um rio não deixa de ser um rio porque conflui com outro rio, ao contrário, ele passa a ser ele mesmo e outros rios, ele se fortalece. Quando a gente confluncia, a gente não deixa de ser a gente, a gente passa a ser a gente e outra gente – a gente rende. A confluência é uma força que rende, que aumenta, que amplia. Essa é a medida. Não tenho dúvida de que a confluência é a energia que está nos movendo para o compartilhamento, para o reconhecimento, para o respeito.”  
(SANTOS, 2023, p. 4)

Nas bandas de onde eu venho, vivemos a compartilhar. Se eu tenho cebola, o vizinho tem cebola. Se o “pé de amora” está carregado, nenhuma boca será pálida. Se eu tenho a roçadeira e você o rastelo, todo jardim será cuidado. Se a vó senta à beira do fogão à lenha, nós sentamos ao redor para ouvir. Aliás, nossos ouvidos são para todos: ouvimos os pescadores, os bêbados, os andarilhos e os ditos “malucos”. De casa até a parada do ônibus, faço pelo menos umas 3 paradas. Não tem coisa melhor que prostrar.

---

<sup>1</sup> The Bridge é um documentário de 2006 sobre suicídios na Golden Gate, que liga as cidades de São Francisco e Sausalito, no Estado da Califórnia, Estados Unidos.

De uns tempos pra cá, eu tenho proseado muito com o Nego Bispo. Ele tem uns modos bem parecidos com os nossos. E o que ele me conta faço questão de contar por aí. O Nego Bispo semeou algumas denominações que estão presentes no meu trabalho. Semeou as palavras biointeração, confluência, saber orgânico, saber sintético, saber circular, saber linear, colonialismo, contracolonialismo. De forma orgânica, estas denominações compõem a minha escrita (SANTOS, 2023).

Com o Nego Bispo, descobri que sou um compartilhante. No meio de muitos outros compartilhantes que vieram antes e depois de mim. Compartilhantes que acordam mais cedo pra regar as plantas. Compartilhantes que cuidam do poejo porque admiram o perfume e o chá. Deve de ser por isso que sempre gostei de criar galos e galinhas, que também são muito compartilhantes. Dou a quirera<sup>2</sup> de milho e um bom poleiro, recebo o canto rouco e os ovos. São aves de muito afeto, basta estar disposto a compartilhar. Outro compartilhante que é para mim muito valoroso é o vento. O vento conta se vai chover. O vento prediz o comportamento do rio. Os ventos moram em mim. O vento carrega e amplia, faz render, o vento faz confluir (SANTOS, 2023).

Por ser compartilhante, sou também um punhado de coisas. Produtora cultural, diretora de ONG, mediadora de leitura, membro da Comissão de Carnaval Comunitário do Bairro Arquipélago, porta-estandarte do Bloco Colaí na Avenida, delegada do Orçamento Participativo, empilhadeira humana, fazedora oficial de faixas para pedágio e tia de muitas crianças. A ponte é compartilhante. Cruzar a ponte é interessante, mas voltar pros nossos modos é muito melhor. De tudo o que sou, o que sou de melhor é ser de lá. Pra quem mora lá, o céu é lá.<sup>3</sup>

---

<sup>2</sup> A palavra "quirera" vem do tupi "kui'era", que significa "milho quebrado". Costumamos dar de comer as galinhas, por ser um subproduto de menor custo em comparação ao milho inteiro.

<sup>3</sup> Pra quem mora lá, o céu é lá” é trecho da canção “Na Boca do Sol” de Arthur Verocai (1972).

**Figura 4** - Vão móvel, da ponte pra cá



Fonte: Duck, the mad quacker (2018)

\*\*\*

## 2.6 718

Boa parte da minha graduação aconteceu dentro do ônibus. Para nós, a linha de ônibus é muito valorosa. Cada saída do terminal é um coletivo. No 718 ouvia os causos do povo das Ilhas. No 718 vivi amores e desamores. O centro à noite é caótico. No Camelódromo, nunca fiquei sozinha. Algumas vezes compartilhei companhia com os ratos. Muitas vezes com os amigos que fiz nos trajetos. Os amigos do 718 das 22:25.

Não foram os professores ou a coordenação que acolheram meu desajuste na universidade, foram os cobradores. Os cobradores que testemunharam meus choros e meus risos. Os cobradores que me viram crescer, que me acompanharam no domingo de vestibular, e saindo do trabalho em direção ao campus, e saindo de casa em direção aos estágios. No ônibus fazia as leituras das disciplinas, tomava notas, escrevia as avaliações. Algumas aulas me deixavam muito esperançosa, outras não faziam sentido algum. No ônibus, tentava conectar os saberes da academia aos nossos modos. Tentava buscar nas coisas que aprendi algo que pudesse levar pra casa.

“Nós fomos obrigados a negar todo esse nosso conhecimento. E nós somos obrigados a negar na medida que entramos na escola, na medida que nós estamos sendo catequizados, na medida que nós entramos na cidade nós somos obrigados a negar esse conhecimento” (ENTREVISTA..., 2021).

**Figura 5 - 718**

Fonte: Duck, the mad quacker (2018)

\*\*\*

### *2.7 Carnaval e encruzilhada*

Este lugar irradia magia. Uma vez li, das palavras de Luiz Antonio Simas: “as ruas do Rio de Janeiro podem se encontrar, na encruzilhada do Brasil, com rios que são ruas.” (SIMAS, 2019). Nas Ilhas temos algumas encruzilhadas, mas uma delas particularmente me encanta. Não é um encontro comum. Essa encruzilhada se dá no entroncamento da rua Dr. Salomão Pires Abraão com a rua Nossa Senhora da Boa Viagem, com o acesso à Colônia de Pescadores Z-5 e com o rio. É um dos meus lugares favoritos.

Nesta encruzilhada fica um comércio que pra nós é muito valoroso, o Ilha Doce Confeitaria - também conhecido como “lá no Gugu”. Lá no Gugu assistimos aos jogos de futebol, tomamos uma cerveja depois dos eventos do Colaí, comemos pastel e porção de filé de peixe. É um espaço de compartilhamento e de lazer aos nossos modos.

Ali também acontecem manifestações do nosso maior festejo: o Carnaval Comunitário do Bairro Arquipélago. Este festejo tradicional acontece há décadas na Ilha da Pintada. A encruzilhada é ponto de parada do trio elétrico e palco das muambas e ressacas



(festas de rua realizadas antes e após o carnaval). Os causos que aconteceram naquela encruzilhada, naqueles carnavais, renderiam um livro inteiro. Um livro muito feliz. No Carnaval das Ilhas, meu papel é este: trazer felicidade.

“A gente não brinca, canso de repetir isso, e festeja porque a vida é mole; a turma faz isso porque a vida é dura. Sem o repouso nas alegrias, cá pra nós, ninguém segura o rojão.” (SIMAS, 2019)

**Figura 6 - Carnaval das Ilhas**



Fonte: OLIVEIRA (2019)

\*\*\*



\*\*\*

### 3 TRAVESSIA

#### 3.1 20 de novembro de 2023

É meio dia e pouca. Estamos na BR 116. O sol entra pela janela do carro e queima minha perna debaixo do macacão. Meus pés estão molhados. Sinto um cheiro muito forte de óleo (ou sei lá o que) passando próximo à refinaria da Petrobrás. Olho para os meus braços e vejo os arranhões do gato que, acuado com a água, resistiu e ficou pra trás. Tenho vontade de vomitar.

Passei as últimas 7 noites em claro medindo o nível do rio com uma estaca. Pela manhã, não pude tomar banho, já não podia abrir o ralo. Lá pelas 6 horas a água começou a entrar. Vesti o macacão, fui pra faixa e peguei o ônibus para o CAPS. Lá, a energia havia sido desligada. Tentei convencer meus colegas a carregarem os móveis para o segundo andar. A água chegava na esquina da rua Laguna, como nunca antes. Peguei o celular e, com o pouco de sinal que me restava, abri o site da Metsul. Li, naquele momento, que a previsão era de elevação de mais 50 centímetros. Alertei desesperadamente meus colegas, a água logo chegaria ali. Comecei a carregar alguns móveis pela escada. Me despedi de todos e chamei um carro pra casa. Por pouco o carro conseguiu passar pela rótula. Quando entrei, vi minha mãe dormindo em uma cama sobre muitos e muitos tijolos. Meu irmão estava também ilhado em cima da cama. Precisamos sair agora. A água já passava do joelho dentro de casa. Na rua, a correnteza ficava cada vez mais forte. Se não formos agora, seremos arrastados. Cada um montou uma mochila. Tentamos de toda forma pegar o gato que se escondeu atrás do encosto do sofá. Deixamos potes de ração por toda parte seca restante e saímos, agarrados uns aos outros, tentando chegar na faixa. Passamos por muitos vizinhos no caminho, por muitos caminhões do exército. A tia Flávia perguntou para onde vamos, a verdade é que não sei. Vamos sair daqui. Ao chegarmos na BR, chamei outro carro, desta vez rumo à São Leopoldo, onde teríamos abrigo.

\*\*\*

A viagem foi difícil, assim como a vida dali pra frente. Esta foi a segunda das três cheias que enfrentei desde que comecei esta escrita, perdão caso me perca no tempo cronológico. O gato está morto. Não morreu na enchente, pois era muito esperto, morreu depois, acho que de tristeza. Perdi também uma das coisas mais valiosas que possuía: a beleza da minha escrita. Sinto muito. A tinta da casa rosa não existe mais. E eu também morri um pouquinho.

\*\*\*

### *3.2 Lacunas*

Em 17 de setembro ocorreu a primeira grande cheia do último ano. Desejo um dia poder compartilhar o que aconteceu naquele dia. Chamarei de “o dia sem lembranças”. Minha memória é uma colcha de retalhos avariada. Daquelas que a finada vó fazia no inverno. Não estou tentando enganar ninguém, eu estou repleta de rasgos, buracos e algumas cicatrizes. Escreverei mesmo assim. Não há, de fato, escolha. A Universidade Federal do Rio Grande do Sul não está disposta a aguardar meus remendos.

“A escrita me deixa em profundo estado de desesperação, pois a letra não agarra tudo o que o corpo diz. Na escrita faltam os gestos, os olhares, a boca entreaberta de onde vazam ruídos e não palavras. No registro da letra também falta o tremor do choro e o rasgo do riso. A fala surpresa foge da escrita. E mais, a grafia não registra a intensidade de um silêncio intervalar, diante de um renovado estado de estupor, vivido na hora das lembranças. Se contar e recontar são atos marcados pelos sinais de incompletude, pois difícil é traduzir os intensos sentidos da memória, imaginem escrever. Imaginem perseguir uma escrevivência. Agarrar a vida, a existência, e escrevê-la em seu estado de acontecimento. Mas persisto nessa intenção.” (EVARISTO, 2022, p. 9)

\*\*\*

### *3.4 Estava na beira do rio*

*Sem poder atravessar*

*Chamei pelo caboclo*

### *Caboclo Tupinambá*

Eu nunca fui uma pessoa de apelidos, mas muito me interessam as denominações. Da ponte pra cá, sou a Bruna do Colaí, a Bruna filha de Adriana, a Bruna filha de Baiano, a Bruna “do cabelo”, a “nega”, a “graúda”. Da ponte pra lá, sou a Bruna da Ilha. Pelo menos costumava ser, agora sequer consigo me apresentar. E por este motivo que meu trabalho obteve dispensa de uma apresentação pública.

É a primeira vez que moro em outro lugar que não a casa rosa na Rua dos Pilares. Eu moro no Morro Santana. Mas não me mudei, fui arrancada. Tenho muita afeição pelas pedreiras, mas não sou a “Bruna do Morro Santana”. É muito bom ter um teto, e sou muito grata a todas as pessoas que se mobilizaram para que isto fosse possível. Moro, mas não pertença. Pertenço ao cosmos. A cidade é cosmo-fóbica, uma denominação do ancestral Nego Bispo. Se adaptar aos modos da cidade significa desconexão (SANTOS, 2023).

De início, foi um período muito difícil. Mais difícil que esperar resgate por 15 horas no telhado. Na cidade senti muito medo. Se não sou da Ilha, não sou de lugar algum. Na cidade não me encaixo. Na cidade não tenho raízes. O Caboclo Tupinambá me disse que vou sempre levar a Ilha adiante, onde quer que eu vá. Acho que o Caboclo Tupinambá sabe o que é a confluência.

Eu moro no apartamento 404, no 4º andar. Eu moro no mesmo lugar que muita gente, mas não sou vizinha de ninguém. Aqui somos uma coisa que poderia ser um coletivo, um condomínio, que é um enclausuramento. No enclausuramento, todos os moradores precisam seguir regras. Regras que devem fazer sentido para os seus modos de povo da cidade.

Dia desses eu fui à uma assembleia do enclausuramento. Os moradores votavam sobre a implementação de algumas melhorias, que foram propostas por um morador que é um tanto mais morador que os outros, o síndico. Já participei de muitas reuniões e assembleias, mas aquela não era como as reuniões do Colaí. Fui tomada por muitos estranhamentos.

Uma das propostas aprovadas foi construir uma pista de caminhada nas bordas do enclausuramento. Moramos ao lado de uma bela praça, com espaço de sobra pra caminhar e descansar à sombra. Mas o povo da cidade tem medo da praça, das gentes, das árvores, das

sombras, dos bichos, das calçadas, das ruas. Tem medo, pois estão em desconexão com a natureza e em conexão com o acúmulo. O próximo passo é matar a vegetação para concretar a pista de caminhada. Isto é o que chamam de desenvolvimento. O desenvolvimento é colonial e cosmofóbico, ele desconecta (SANTOS, 2023).

Meu irmão acha engraçado que, ao sair do enclausuramento, eu ando pelo meio da rua. Pra mim é uma afronta ter que me espremer com pessoas, cachorros, bicicletas, skates, sacolas de mercado, carrinhos de bebê - num espaço de 50 centímetros chamado de calçada . Alguém, em algum momento, decidiu que uma rua de 10 metros de largura só pode ser caminho dos carros. Aqui não vejo cavalos, mas o cavalo também teria que andar na calçada. Andar pelo meio da rua, pra mim, é contracolonial. A calçada é sintética, não é orgânica. Nas ruas da Ilha também há carros, pessoas, bicicletas, cavalos e regras, mas não há donos. Os caminhos são para quem quiser passar (SANTOS, 2023).

Saio pelas ruas a pensar: “Que árvore é essa? Quem a plantou? Existe há quantos anos? Quais pássaros são esses? Há quanto tempo fazem morada nesta árvore? Quem cuida dessa árvore?”. Os povos da cidade não caminham com a rua. Não pensam com a rua. Tive a impressão que o tempo passa diferente aqui. Na cidade me sinto confusa e sinestésica. Na cidade meu olho treme. Na cidade não existe tempo, só horário (SANTOS, 2023).

Um hábito que temos na família é, em dia de domingo após almoço, deitar no chão para descansar. A primeira vez que fiz isso no apartamento, pela força do costume, saí olhando debaixo dos móveis para espantar os bichos que ali poderiam estar: uma lacraia, uma aranha, um sapo, uma cobra, uma nuvem de mosquitos. Mas não havia nada. Na cidade não há compartilhamento com estes bichos. Na cidade há dedetização, desratização. Na cidade não se respeita o bicho que veio primeiro (SANTOS, 2023).

O que é a cidade? É o contrário de mata. O contrário de natureza. A cidade é um território artificializado, humanizado. A cidade é um território arquitetado exclusivamente para os humanos. Os humanos excluíram todas as possibilidades de outras vidas na cidade. Qualquer outra vida que tenta existir na cidade é destruída. Se existe, é graças à força do orgânico, não porque os humanos queiram (SANTOS, 2023, p. 8).

Outra proposta aprovada foi a implementação de um mercado self-service, 24 horas, dentro do enclausuramento. Para uma maior conexão do povo da cidade com aquilo que lhe é valoroso, o consumo. Na Ilha não há muitos comércios, e os que existem fecham às 18 horas. Se eu tenho vontade de comer um bolo de milho, vou atrás da receita e da farinha de milho, dos ingredientes. Se eu não tenho os ingredientes, busco no armazém. Se o armazém está fechado, peço ao vizinho. Se o vizinho não tem, aguardo o dia de amanhã.

Os povos da cidade, os povos sintéticos, pouco esperam e pouco desejam. Se querem bolo de milho, pronto, o bolo de milho é deles, basta que o peguem e paguem. O bolo de milho está há um aplicativo de distância. Ora, se tudo é meu, nada quero. Na cidade perdi a fome. O mercado self-service foi aprovado pelas mesmas pessoas que querem caminhar, mas não até o mercado. Querem caminhar, querem o bolo de milho, mas não querem dar bom dia à operadora de caixa.

No enclausuramento, as pessoas não são chegadas em prosa. A pessoa mais próxima que tenho é o porteiro, pois ele me responde o cumprimento. No enclausuramento tudo é construído para o individual. Do outro lado da parede, enquanto escrevo, deve ter alguém dormindo - mas não a conheço. No enclausuramento não posso cantar, pois o residente de baixo, que nem sei se existe, pode ouvir e desgostar da minha cantoria. E como o povo não gosta de prosa, se desgostar, eu ganho uma multa. A multa é uma punição em dinheiro, ou seja, a multa tira a possibilidade de consumir mais e acumular mais. Para o povo da cidade, é coisa grave.

Para não dizer que não houveram propostas animadoras na assembleia, foi aprovada a construção de uma cisterna para captação de água da chuva e uso nas “áreas comuns”. Uma proposta bem conservadora, já que as plantas serem molhadas com a água da chuva é uma coisa que acontece desde que o mundo é mundo. É o que mais se aproxima dos nossos modos. É o que Nego Bispo denomina envolvimento, o contrário de desenvolvimento (SANTOS, 2023).

O povo da cidade tem muitas coisas. Tem pátio, mas a criança não pode brincar. Tem rua, mas não pode andar. Tem jardim, mas não pode plantar. Tem feira, mas não pode vender. Tem cozinha, mas não cabe mesa nem gente. Tem o acúmulo, o extraordinário. O acúmulo que não serve mais, chama de resíduo, de lixo. O povo da cidade tem medo do lixo também.

Não pode colocar o que é orgânico no jardim. O desenvolvimento sustentável é o contrário de biointeração (SANTOS, 2023).

\*\*\*

### 3.5 *Mofo*

Porto Alegre não tem um jeito legal. Eu tenho aversão a concreto. Concreto representa tudo que há de mais retrógrado neste planeta. O concreto é cosmofóbico e sintético. É mais feio que um bagre. Se você prefere concretar o quintal ao invés de plantar uma árvore, sinto muito, você é brega. Nós não somos amigos, só conhecidos. E por falar em conhecido, eu tenho um, até que bem chegado, participa de todas as festas de Réveillon: o Gasômetro. As Ilhas ficam localizadas do outro lado do Gasômetro. Assistimos à queima de fogos pela “porta dos fundos”. De certa forma, o Gasômetro é o nosso quintal. Mas não se engane, POR FAVOR, não fomos nós que concretamos este quintal. Foi o prefeito. O ciborgue. Metade ser humano, metade betoneira.

O único concreto que pode ser tolerado é o concreto na vertical. E não é sempre. Apesar da proximidade, só pisei no Gasômetro em 2019. A distância entre os dois pontos é a mesma, mas não cabe o mesmo tanto de caminho. O Gasômetro que existe hoje não é uma atração turística pra mim. O rio concorda comigo, pois o rio também é orgânico. Ele também não gosta de concreto e de desenvolvimento. Menos ainda quando o bicho ser humano mata árvores para concretar. E você deve ter percebido como o rio anda bravo.

No Morro Santana também houve um despejamento de concreto na horizontal. Não sei se há pouco ou muito tempo. Não conheço a história. É por isso que eu levo as crianças na praça, mesmo quando está um barral. De Pé No Chão Também Se Aprende A Ler<sup>4</sup>. As crianças me lembram de quem eu sou. Brincar me lembra de quem eu sou. Pisar na terra me lembra de quem eu sou. Meu vestido de formatura é verde. Verde orgânico. Verde como o

---

<sup>4</sup> De Pé No Chão Também Se Aprende A Ler foi uma campanha de educação popular criada em Natal, no ano de 1961, promovendo a alfabetização através da valorização dos saberes e das manifestações culturais dos educandos e da sua comunidade nos diversos espaços de ensino-aprendizagem, principalmente nos acampamentos escolares (AQUINO; PINHEIRO, 2019).



mofo no concreto, que acredita que a vida não é só aquilo que está dado. Que sabe que, por onde for, independente da dificuldade, será capaz de carregar vida.

Figura 7 - Mofo no concreto. Morro Santana.



Fonte: Elaborado pela autora.

\*\*\*

### *3.6 Vento norte*

As cheias sempre compuseram o cotidiano do povo das Ilhas. Não é novidade, compreendemos que o rio quer passar e criamos nossas estratégias orgânicas. De 1999, ano de meu nascimento, até o início de 2023, tenho recordação de mais de 10 cheias. O povo da cidade não deve se lembrar destas cheias, porque não chegou até a cidade. O que o povo da cidade não sabe é que a cheia só não chegou até lá porque no caminho o rio encontrou nós, o povo das Ilhas, que somos corpo-coletivo-de-barragem. Nós absorvemos o impacto das cheias e protegemos o rio com a nossa vida.

Entretanto, mais ou menos de uma década pra cá, o povo da cidade foi se instalando nas Ilhas e trazendo seu desenvolvimento, trazendo o sintético, a destruição. Este povo não é

como o tradicional povo da cidade, ele é bem pior. É o povo da moral e dos bons costumes. O povo que goza de um afrouxamento das leis. As marinas são o que de pior aconteceu com as Ilhas. De uma hora pra outra, cada pedaço de rio tinha seu dono. E esse dono não conhece o rio, não compartilha com o rio. E esse dono enclausura sua beira. Daí em diante, sua beira é um local privado de lazer. Por lazer, esse povo quer dizer perturbação do cosmos, uso de álcool e cocaína, uso de armas de fogo, “jetciatas”, exploração sexual de crianças e muito mais.

Da ponte pra lá, houveram as obras da orla. Os derramamentos de concreto. O desmatamento. A flexibilização da legislação ambiental. O desinvestimento em saneamento básico. A desigualdade social. O avanço desenfreado da destruição. E não pense que não combatemos este cenário coletivamente, que não defendemos o cosmos nas devidas esferas - mas não foi suficiente. Eu errei quando disse que daqui 1,5º não estarei mais na Ilha, a destruição chegou bem antes do previsto. “[..] A poluição do Guaíba é ainda mais ampla, sendo formada por uma variedade de contaminantes biológicos, físicos e químicos, como metais pesados, pesticidas e microplásticos” (ELLWANGER, ZILIOOTTO, CHIES, 2024).

O rio é circular e transflui. Encontra outros rios, encontra a lagoa dos patos, encontra o oceano. “[..] Dessa forma, grande parte do estado está interligado por águas que são responsivas às mudanças climáticas e a outros tipos de ações antrópicas causadas ao meio ambiente” (ELLWANGER, ZILIOOTTO, CHIES, 2024).

Os saberes orgânicos já não dão mais conta de ler o rio. O nível do rio agora eleva em vento norte, não só em vento sul. O rio não reconhece mais seu leito, que foi tomado pelo sintético. O rio não encontra mais o caminho que era seu. O rio transflui envenenado.

\*\*\*

### *3.7 Começo, meio, começo*

É muito difícil pensar um final, um encerramento. Para as águas, não há fim de linha. As águas são circulares: transfluem, evaporam, fazem chover, percorrem caminhos, voltam às nascentes. Na cosmopercepção politeísta e nos modos afro-confluentes de visão de mundo,

Mestre Bispo traz a dinâmica começo-meio-começo. Os conhecimentos, os modos, os saberes orgânicos são passados de geração em geração. A geração avó é o começo, a geração mãe é o meio e a geração neta é o começo novamente. Quando escrevo, quando retomo, quando compartilho, converso com os ancestrais, com todos aqueles que vieram e com todos aqueles que virão. Não sei o que será da terra ou do rio, mas sei que nossa ancestralidade viverá. Os povos que habitam a natureza viverão. E enquanto viverem, estarão contra-colonizando. Quando escrevo, mantenho vivo. Quando você lê, mantém vivo. Escrevo para tornar ancestral (Santos, 2015, p.19).

Porque mesmo que queimem a escrita,  
Não queimarão a oralidade.  
Mesmo que queimem os símbolos,  
Não queimarão os significados.  
Mesmo queimando o nosso povo,  
Não queimarão a ancestralidade  
(SANTOS, 2015, p. 45)

**Figura 8** - Começo, meio, começo



Fonte: Duck, the mad quacker (2019)

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

**A ponte (The bridge)**. Direção de Eric Steel, 2006. Inglaterra/EUA.

AQUINO, Fernanda Mayara Sales de; PINHEIRO, Rosa Aparecida. Campanha de Pé no Chão Também se Aprende a Ler: um contexto de comunidade de aprendizagem. **Revista Educação em Questão**, Natal, v. 57, n. 52, 2019.

BORGES, Patrícia Vaz; GUEDELHA, Carlos Antônio Magalhães. Começo–meio–começo: a circularidade literária e afrodiaspórica de Nêgo Bispo. **O Eixo e a Roda: Revista de Literatura Brasileira**, Belo Horizonte, v. 32, n. 4, 2023.

Duck, the mad quacker. **718**. 2018. Fotografia.

Duck, the mad quacker. **Começo, meio, começo**. 2019. Fotografia.

Duck, the mad quacker. **Crianças brincando de navegar**. 2019. Fotografia.

Duck, the mad quacker. **Escola Almirante Barroso**. 2019. Fotografia.

Duck, the mad quacker. **Moonlight (Luz da lua)**. 2019. Fotografia.

Duck, the mad quacker. **Vão móvel, da ponte pra cá**. 2018. Fotografia.

ELLWANGER, Joel Henrique; ZILLOTTO, Marina; CHIES, José Artur Bogo. Poluição do Guaíba e a revolta das águas. *Jornal da Universidade*. Porto Alegre, 27 mai. 2024. Artigo. Disponível em: <https://www.ufrgs.br/jornal/poluicao-do-guaiba-e-a-revolta-das-aguas/>.

**ENTREVISTA com João Paulo Lima Barreto**. Youtube, 2021. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=wO67rEWBNeg>.

EVARISTO, Conceição. **Canção para ninar menino grande**. Rio de Janeiro: Pallas Editora, 2022.

EVARISTO, Conceição. **Escrevivência**: a escrita de nós. *In*: DUARTE, Constância Lima; NUNES, Isabella Rosado (org.). Reflexões sobre a obra de Conceição Evaristo. Rio de Janeiro: Mina Comunicação e Arte, 2020.

ELLWANGER, Joel Henrique; ZILLOTTO, Marina; CHIES, José Artur Bogo. Poluição do Guaíba e a revolta das águas. *Jornal da Universidade*. Porto Alegre, 27 mai. 2024. Artigo. Disponível em: <https://www.ufrgs.br/jornal/poluicao-do-guaiba-e-a-revolta-das-aguas/>.

GOMES, José Juvenal *et al.* **Arquipélago**: as Ilhas de Porto Alegre. Porto Alegre: Unidade Editorial da Secretaria Municipal da Cultura, 1995.

**ILHA DAS FLORES**. Direção: Jorge Furtado. Produção: Monica Schmiedt e Nora Goulart. Intérpretes: Paulo José, Ciça Reckziegel, Júlia Barth e outros. Roteiro: Jorge Furtado. Música: extraída de O Guarani, de Carlos Gomes. Porto Alegre: Casa de Cinema de Porto Alegre, 1989. 13min07. Produzido por Casa de Cinema de Porto Alegre. Disponível em: [https://www.youtube.com/watch?v=h30BO\\_6kFNM](https://www.youtube.com/watch?v=h30BO_6kFNM). Acesso em: 15 jul. 2024.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). **Censo Demográfico 2010**. Porto Alegre: IBGE, 2010.

LUNA, Luedji. **Bom mesmo é estar debaixo d'água. (Álbum visual)**. Youtube, 2020. Disponível em: [https://www.youtube.com/watch?v=Z7IPX61UdJ4&ab\\_channel=LuedjiLuna](https://www.youtube.com/watch?v=Z7IPX61UdJ4&ab_channel=LuedjiLuna)

**MEKUKRADJÁ 2020**. Não somos donos da teia da vida, apenas de um de seus fios. 12 nov. 2020. 1 vídeo (1 h 53 min). Facebook: Itaú Cultural. Disponível em: <https://www.facebook.com/itaucultural/videos/370918354356695/>. Acesso em: 12 set. 2024.

MENEZES, Margareth. **É D'Oxum - Margareth Menezes (Concha Acústica)**. Youtube, 2016. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=8-XBcmeL9zA&t=42s>.

MOGLI e Balu. **Necessário, somente o necessário [HD]**. Youtube, 2011. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=S4J70C36RGU>.

OLIVEIRA, Erick. **Carnaval das Ilhas - CCBA**. 2019. Fotografia.

ONDJAKI. **Ombela**: a origem das chuvas. Rio de Janeiro: Pallas Mini, 2014.

SANTOS, Antônio Bispo dos. **Colonização, Quilombos, Modos e Significações**. Brasília: INCTI/UnB, 2015.

SANTOS, Antônio Bispo. **A terra dá, a terra quer**. São Paulo: UBU, 2023.

SANTOS, Laís Norton Fonseca dos; CUTRIM, Valéria Matos; FEITOSA, Márcia Manir Miguel. **Dialéticas de uma ginga contracolonial**: linguagem, território e cosmologia na perspectiva de Nêgo Bispo.

SIMAS, Luiz Antonio. **O corpo encantado das ruas**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2019.

VEROCAI, Arthur. **Arthur Verocai - Na Boca do sol**. Youtube, 2019. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=vEanu1D1CFc>.